

MATLIT AGENDA

	substantivo	feminino
que		provém
etimologicamente		
da forma		
	neutra	
	plural	
	do gerundivo do	
verbo latino		ago, -is, -ere, egi,
actum.		
Sendo uma forma		cuja modalidade possui
valor		
projetado		deôntico
em relação ao		futuro,
		signi-
fica “o que deve ser feito”	,	“as coisas a fazer”
	.	
Em termos semânticos,		agenda encontra-se
nos antípodas de <i>acta</i>	,	
		que
	,	tratando-se
	do	
particípio passado	do	mesmo verbo,
	no	mesmo género
e	no	mesmo número,
	designa	
		“as coisas já feitas”;

EPÍGRAFE

Pego ao acaso num desses “folhetos”
que ele sabia enviar-me, sabia que eu gostava
fui sempre fiel e lia –
desde *A Colher na Boca* não mais me separara

E aqui o tenho e leio, um deles
as folhas amareladas pelo ouro do tempo:
O Corpo O Luxo A Obra
reparo que há lá dentro uma carta
de que não me lembrava,
estamos em 1978 e ele escreve
a agradecer algo que eu lhe tinha enviado.
É uma carta gentil, caligrafia miúda,
muito bem desenhada...

Para *O Corpo O Luxo A Obra*
ele escolhera uma epígrafe de *Húmus*
anterior de dez anos (1966/67)
mas já fecha o seu livro, o tal folheto,
com uma citação da *Tabula Smaragdina*,
de Hermes Trismegisto, o Pai fundador
da alquimia: é um aceno discreto que me faz
recordando que também ele estudava o ouro
da alquimia, “ouro que se gera a si próprio
no interior da terra”...

in *Os Abutres*, de Yvette K. Centeno (*Entre Silêncios*, 2019)

EDITORIAL

Abertura será um fio condutor
deste sexto número da
MATLITAGENDA.

Abertura tipográfica da folha
de rosto, intervenção de Patrícia
Reina sobre o significado
etimológico de *Agenda*, por
Ana Albuquerque e Aguilar.
Abertura intertextual oferecida
no poema em epígrafe, de
Yvette Centeno, recordando
um dos autores em investiga-
ção corrente. *Abertura* para a
entrevista a outro dos autores
estudados, Gonçalo M. Tava-
res; a intermedialidade *abre-se*
pelo álbum sobre Nick Cave e
a difusão de Gil Vicente em
mediação videográfica.
Incoming, o blog de Manuel
Portela sobre os estudantes
acolhidos em cotutoria pelo
DML, poderia ser *abertura* em
tradução livre. O artigo de
Carlos Reis fala criticamente
da presente *abertura* a um en-
sino à distância. Nos três auto-
res da rubrica “As minhas
materialidades” vemos uma
abertura do recente confina-
mento: Joana Fonseca *abre*
para a distopia os dias presen-

tes, Pedro Sá Valentim ensaia
a *abertura*, a várias vozes e
tempos, de um poema; Ana
Albuquerque e Aguilar anota
os efeitos da pandemia numa
tese em curso, *abrindo* a refle-
xão da comunidade de estudo
e investigação. *Abrimos* o ví-
deo do primeiro Estado da
Arte, momento fulcral do
DML, de encontro e balanço
dos trabalhos dos/das
estudantes (a acontecer no
próximo dia 18 em *abertura*
virtual de pós-quarentena)..

Em tempo de desconfinamento,
de pessoas e projetos,
abrem-se quatro teses em
Materialidades da Literatura
submetidas recentemente:
Caio Di Palma, Bruno Ministro,
Sofia Escourido e Ana Sabino.
Abrimos também, graças ao
seu acesso livre, a sétima tese
concluída do DML, “Literatura
e Cibernética: para uma poética
dos processos generativos
automáticos”, de Ana Marques.
Abre-se ainda um pequeno
mundo (de esperança?) em
mais um episódio de “As Novas
Aventuras de Capuchinho
Vermelho”, BD de Thales Este-

fani, mediação que fecha o
presente número.

Fica para a restante leitura a
abertura e referências às ativi-
dades, produção/divulgação
(de que *abro* somente para a
voz de Sofia Escourido empres-
tada ao texto de Joana Bértho-
lo), sugestão de livros nas cole-
ções, artigos nas revistas do
DML/CLP e outras teses.

Este número tem o valor
grato de um número maior de
colaborações autorais, afastan-
do-se (mais) da recoletora
“newsletter” dado *abrir* para o
acontecido e por acontecer, o
lido e por ler, feito e por fazer.
Será *agenda* e *acta* em simultâ-
neo, portanto. Como sempre,
**contámos com o arranjo gráfi-
co de Patrícia Reina, a quem
agradeço, como aos restantes
contribuidores e leitores.**

(Repeti e variei por mais de
uma dezena de vezes, vejo
agora, a palavra *abertura*,
extravasando um tema num
desejo reiterado de que a escri-
ta adquira materialidade tridi-
mensional).

Nuno Meireles

VER / OUVIR / LER / RELER

LER

[Manuel Portela] 2010-2020: Incoming

Ao longo da última década, o reconhecimento internacional do Programa de Doutoramento em Materialidades da Literatura manifestou-se também através do acolhimento de estudantes que, durante um semestre, frequentaram a Universidade de Coimbra para prosseguirem a sua investigação, participando em seminários curriculares e no ciclo regular de atividades. Encontrando no grupo de investigação do Programa uma interlocução relevante para os respetivos projetos de doutoramento, estes investigadores são oriundos de múltiplas instituições e diversas áreas disciplinares, incluindo estudos literários, comunicação, estudos fílmicos, antropologia, semiótica e design. (...)

[Carlos Reis] Ensino à distância: oportunidade e não oportunismo

O ensino à distância não é para todos. Não o é porque requer instituições legitimadas para facultarem ofertas pedagógicas coerentes e socialmente pertinentes, interpretadas por professores e por tutores que hão de ter vocação e formação adequadas. Para o dizer de forma sintética: que se não transforme em oportunismo o que é uma mera oportunidade.(...)

[Coleção “Materialidades da Literatura”]

Helder, Herberto (2018). *Em minúsculas: crónicas e reportagens de Herberto Helder em Angola*. (Investigação, digitalização, transcrição, revisão e seleção Daniel Oliveira, Diana Pimentel, Raquel Gonçalves). Porto Editora: Porto [9-6-33]

[🔗 Apresentação de Em Minúsculas de Herberto Helder](#)

Lyon, David (2018). *The Culture of Surveillance: Watching as a Way of Life*. Cambridge: Polity. [9-10-11]

Waller, Alison (2019). *Rereading Childhood Books: A Poetics*. London: Bloomsbury Academic. [9-10-16]

[Coleção CLP]

Namora, Ricardo (2014). *Teoria da Literatura e Interpretação: o Século XX em 3 argumentos*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. [Orig. da versão revista da dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa em 2009] [8-7-17 c.2]

Lourenço, António Apolinário (2019). *Eça naturalista: O crime do Padre Amaro e o Primo Basílio na imprensa coeva*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra [22-6-36]

Grimm, Jacob (1831). *Silva de romances viejos/ publicada por Jacobo Grimm*. Vienna de Austria: Schmidl (pertenceu a Carolina Michaelis e a Joaquim de Vasconcelos. - Ex. sem contracapa, com lombada danificada, e com sublinhados e manchas de humidade.) [20-9-56 (C.M.)]

[Vária]**This new database shows the reading habits of major 20th-century authors. — Aaron Robertson**

When Sylvia Beach, the New Jersey native who published *Ulysses* and opened Paris’ Shakespeare and Co. (“[the most famous bookstore in the world](#)”), died in 1962, Princeton University purchased and catalogued her papers.

This trove of materials reveals, among other things, the reading preferences of some of the 20th century’s most famous writers, including Ezra Pound, Gertrude Stein, Simone de Beauvoir, and many, many others (the store had thousands of patrons, and Beach kept [the lending cards for about 650 of them](#)). The recent [digitization of Beach’s papers](#) has made this information easily accessible for the first time. (...)

Pandemic heavily impacts on European ECRs with caring responsibilities — Eurodoc Equality Working Group

After the 12th of March 2020, when the World Health Organisation (WHO) declared the COVID-19 as a pandemic, more than [one third of the world’s population entered lockdown in one form or another](#). In particular, [schools, kindergartens, and universities closed and are not expected to reopen fully soon](#).

Parents in academia are generally at a disadvantage; long working hours, considered the norm in academia, are not compatible with family life. Moreover, surveys among doctoral candidates show that parents feel less supported by colleagues and group leaders and sometimes are put at a financial disadvantage as a consequence. (...)

OUVIR

[Sofia Escourido]

Madalena Escourido (Ouvinte, Lisboa) - "Ecologia", de Joana Bértholo

[Vária]

Welcome to Teddie Cast, the podcast of the Oxford Critical Theory Network (TORCH)

In our very first episode, our host and network convenor Lillian Hingley (DPhil English, Oxford) reflects upon her thoughts in lockdown.

Listen as she takes you through her various thoughts on the theorist Theodor Adorno, the aphorisms he wrote whilst at Oxford, and what he might have thought of her activity on Animal Crossing as a means of dealing with the uncertainty of the pandemic.

REVER

Estado da Arte: sessão I (09/05/2013)



Teve lugar, no passado dia 9 de maio [2013], a primeira sessão de apresentação do estado das teses do Programa de Doutoramento «Estudos Avançados em Materialidades da Literatura». Os doutorandos descreveram a

planificação, estado e problemas que a sua investigação está a levantar e foram aconselhados pelos Professores Manuel Portela e Osvaldo Manuel Silvestre. Entre os principais problemas levantados, comuns a vários projetos, foram referidas questões relacionadas com o corpus de cada projeto, a reconcetualização de problemas e hipóteses decorrente do processo de investigação e as dificuldades de cumprimento do cronograma de escrita. Participaram também na sessão dois estudantes brasileiros que se encontram a fazer "doutorado-sanduíche" nas Materialidades da Literatura, bem como o primeiro bolseiro do projecto de investigação FCT «Nenhum problema tem solução. Um arquivo digital do Livro do Desassossego». Os alunos do 1º ano fizeram uma breve exposição do objeto que pensam vir a explorar na sua dissertação.

👉 Estado da Arte: sessão I

RELER

[Revista MATLIT: Materialidades da Literatura, V.1 N.1 (2013) Estranhar Pessoa com as Materialidades da Literatura]

'Nenhum Problema Tem Solução': Um Arquivo Digital do Livro do Desassossego — Manuel Portela

O projeto 'Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do Livro do Desassossego' tem como objetivo a criação de um arquivo digital hipermédia dedicado à obra Livro do Desassossego [LdoD], de Bernardo Soares/Fernando Pessoa. O arquivo agregará fac-símiles digitais dos materiais documentais do LdoD, transcrições topográficas desses materiais, transcrições textuais das quatro edições críticas publicadas entre 1982 e 2010 (Coelho 1982 [2ª edição, 1997]; Cunha 1990-91 [2ª edição, 2008]; Zenith 1998 [10ª edição, 2012]; Pizarro 2010), e ainda ferramentas de pesquisa e análise textual. Esta agregação e codificação eletrónica dos fragmentos combina edição genética e edição social do LdoD, mostrando-o como rede potencial de intenções autorais e como construção conjectural dos seus sucessivos editores. O arquivo digital criará ainda um espaço de virtualização do LdoD que favoreça novas dinâmicas de leitura, edição, investigação e escrita. Este artigo apresenta o projeto

nos seus aspetos teóricos, técnicos e metodológicos, enquadrando-os na investigação em curso neste domínio.

☞ O Arquivo LdoD apresentado [14/12/2017] pelos seus principais responsáveis: Manuel Portela (Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra) e António Rito Silva (Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores em Lisboa).

[Revista de Estudos Literários, V.3 (2013) Ensino da Literatura]

Introdução pelas coordenadoras da edição, Ana Maria Machado e Cristina Mello.

O desencontro de tempos é, em si mesmo, a condição que alimenta a vasta bibliografia sobre o devir das Humanidades, em geral, e dos estudos literários, em particular. É também no tempo que radica o desacerto de ritmos – longo, o da literatura, precipitado, o da vida – que nos move da leitura profunda ao mundo da hiperleitura, de consequências ainda imprevisíveis.

Que a inércia do presente de todas as eras tende a reear deslocamentos dentro da cartografia das artes, compreendemo-lo, mas não o integramos; historiamos a eterna querela dos antigos e dos modernos, mas é sob suspeita que entreabrimos a porta aos novos modernos, naturalizáveis em Novas Humanidades. Sempre coisa de poucos, a literatura integrou ideais hoje destronados, pelo menos ao nível da representação social comum. Num tempo de deriva digital, o receio de ter de abdicar do conforto da materialidade do livro, sempre disponível para ser aberto e folheável, esquece mudanças pretéritas, como o abandono dos remotos códices medievos, para não falar de suportes ainda mais longínquos, sempre implicando índices acentuados de exclusão. O acesso ao texto literário coloca-se hoje de forma diferente. A leitura democratizou-se e antecipou-se, inclusive, a faixa etária em que a fruição do texto se inicia. De há muito a técnica favorece a reprodutibilidade e tempos virão, permita-se a quimera, em que a estrada da internet será, de facto, gratuita e universal.

O crescendo de disponibilidade suscita uma natural resistência ao novo, ou por receio do que se não controla ou por esse outro temor maior de que o excesso da miragem faça desaparecer o que importaria fixar. (...)

☞ Ensino da Literatura Digital – Teaching Digital Literature

[Teses MatLit]

Ana Marques da Silva, *Literatura e Cibernética: para uma poética dos processos generativos automáticos* [Tese de doutoramento em Materialidades da Literatura, orientação de Manuel Portela, 2018]

RESUMO: Esta tese é dedicada ao estudo da literatura generativa. A partir de uma perspectiva que cruza os estudos literários com a reflexão sobre o seu contexto sociocultural, a literatura generativa é considerada enquanto fenómeno que nos permite identificar tensões entre dois campos distintos – a literatura e a cibernética –, aferindo alguns dos efeitos da automação das práticas de escrita e leitura na literatura, e atendo no modo como esses efeitos nos permitem observar algumas das dinâmicas que caracterizam a cultura contemporânea. Este estudo identifica diferentes poéticas do texto generativo, dividindo-se em três partes pensadas numa lógica de “zoom-out”. Num primeiro momento procura-se estabelecer o que é um texto generativo, explorando as relações entre linguagem e computação, sistematizando definições de geratividade em diferentes contextos disciplinares, e analisando um conjunto de estudos de caso nos quais os processos algorítmicos são explorados enquanto ferramentas de invenção de linguagem. Num segundo momento considera-se o texto enquanto sistema, problematizando a noção de autoria e as estratégias de leitura associadas de textos generativos, privilegiando o contexto português na reflexão sobre os principais eixos teóricos em que se funda esta textualidade, e tomando para análise obras que sublinham as relações entre geratividade e discursividade. Num terceiro momento discute-se as materialidades técnicas e políticas da mediação digital, reflectindo sobre cognição algorítmica, os limites do computável, e a tensão entre as esferas literária e informacional, a partir de estudos de caso que problematizam as relações humano-máquina. A Introdução e a Conclusão situam a textualidade generativa num eco-sistema cultural alargado: enquanto a Introdução apresenta, desde logo, o quadro sociocultural no qual se inscrevem os processos de automação da linguagem, a Conclusão recupera e aprofunda as principais linhas de fuga que caracterizam o modo como literatura generativa nos dá conta do seu momento histórico, e sistematiza as res-

postas à interrogação sobre a especificidade e o valor literário do texto gerado automaticamente. O eixo central que articula as três partes deste trabalho é a recuperação da autonomia humana.

☞ [Doutoramento Nº 7](#)

[Teses CLP]

Rodrigo do Prado Bittencourt, *Sobre livros impossíveis: quatro personagens escritores na obra de Eça de Queirós* [Tese de doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa, no ramo de Investigação e Ensino, orientação de Carlos Reis, 2018]

RESUMO: Esta tese (chamada Sobre livros impossíveis: quatro personagens escritores na obra de Eça de Queirós) tem por objetivo investigar a relação entre a escrita e classe social na vida de quatro personagens de três livros de Eça de Queirós: A Capital! (começos duma carreira); Os Maias — Episódios da vida romântica e A Ilustre Casa de Ramires. Pretende-se analisar os interesses de classe que perpassam a publicação ou não das obras planejadas por Carlos da Maia, João da Ega, Gonçalo Mendes Ramires e Artur Corvelo. Assim, faz-se necessário conhecer o “campo literário” (Bourdieu, 1996) português da segunda metade do século XIX para melhor entender as influências condicionantes que pesavam sobre o escritor iniciante. Há um capítulo que pretende traçar linhas gerais que são percebidas como um padrão da Fortuna Crítica a respeito de Eça de Queirós. Nele, não se almeja esgotar os temas aqui elencados, mas tão somente mostrar que eles têm sido os preferidos dos estudiosos queirosianos e, portanto, os mais trabalhados até então. Com isso, pretende-se elucidar o caminho para os que estão a iniciar-se nos estudos sobre este escritor ou ainda resgatar uma visão geral dos estudos queirosianos para os que encontram-se por demais dedicados à sua especialização dentro deste campo. Assim, foram percebidos seis eixos principais dentro da Fortuna Crítica estudada: a ironia; a decadência e o “vencidismo”; o tédio; o francesismo; o último Eça e o erotismo. Também é importante analisar historicamente a sociedade portuguesa como um todo e qual o papel que os diferentes grupos que a compunham destinavam à leitura e à escrita. A partir daí, pode-se perceber qual o significado social de se publicar ou não e o efeito de

cada tipo de publicação e gênero textual. Deste modo, portanto, entende-se melhor alguns fatores que contribuem para o sucesso de Gonçalo, o fracasso de Artur e a desistência de Carlos e Ega; personagens criados dentro de uma proposta de retratar fielmente a realidade. Percebe-se, por fim, que a escrita e mesmo a não escrita podem ser pensadas como partes de uma estratégia, mais ou menos consciente, de busca por poder no âmbito da luta de classes. Isto é evidente no caso de Gonçalo, que escreve por almejar tornar-se deputado, mas também é válido para as demais personagens. Para Carlos e Ega, a não escrita era mais interessante dentro do âmbito da luta de classes que a escrita: por isso sua revista e seus livros tornam-se “impossíveis” socialmente. Para Artur, o sucesso é impossível, já que suas obras e suas estratégias para bem lançá-las são inviáveis e mesmo contraproducentes. Só Gonçalo alcança o que quer, pois só ele realiza a escrita de um modo coerente com sua posição de classe.entre essa tendência do mercado editorial e as orientações provenientes da instituição escolar, para além de servir de exemplo da correlação existente entre as opções discursivas, ideológicas e estilísticas tomadas por cada adaptador e os condicionalismos históricos, mentais e institucionais que interferem de forma muito evidente na elaboração de textos desta natureza.

VER

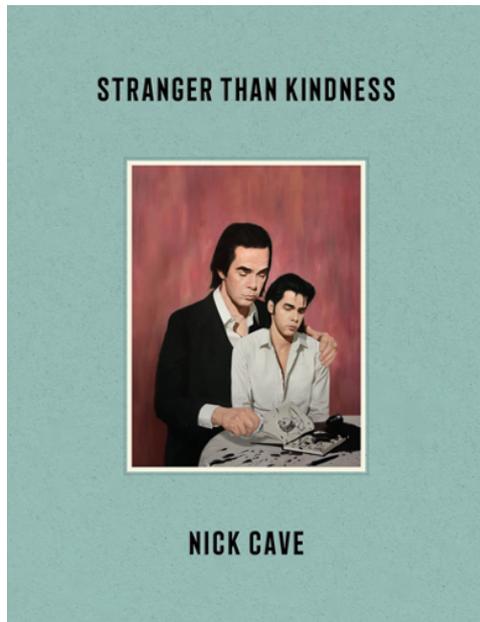
[Gonçalo M. Tavares]

Gonçalo Tavares, escritor y dramaturgo, conversa con la escritora, traductora y editora Tina Vallès sobre cómo la cultura nos ayuda a imaginar el mundo después de la pandemia.



Gonçalo Tavares y Tina Vallès
Actualizar lo importante

[Nick Cave] *Stranger than Kindness* | the Book – OUT NOW

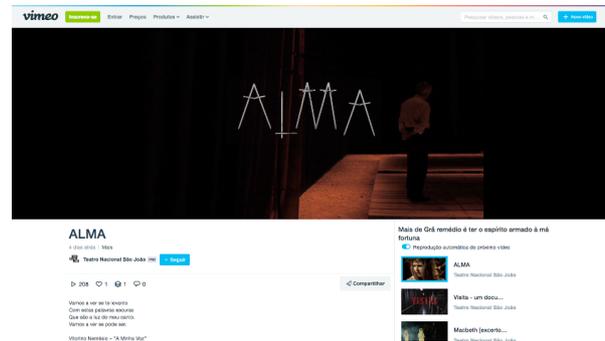


Stranger Than Kindness is a journey in images and words into the creative world of musician, storyteller and cultural icon Nick Cave. This highly collectable book invites the reader into the innermost core of the creative process and paves the way for an entirely new and intimate meeting with the artist, presenting Cave's life, work and inspiration and exploring his many real and imagined universes. It features full colour reproductions of original artwork, handwritten lyrics, photographs and collected personal artefacts along with commentary and meditations from Nick Cave, Janine Bolland and Darcey Steinke.

Stranger Than Kindness asks what shapes our lives and makes us who we are, and celebrates the curiosity and power of the creative spirit. The book has been developed and curated by Nick Cave in collaboration with Christina Back. The images were selected from 'Stranger Than Kindness: The Nick Cave Exhibition', initially opening at the Royal Danish Library in Copenhagen in March 2020 the exhibition has been postponed as part of the measures against the spread of Coronavirus and will be rescheduled for later this year.

[Stranger Than Kindness the book | Canongate](#)
[Stranger Than Kindness the book | Nick Cave](#)
[The Guardian](#)

[Gil Vicente em mediações videográficas]



Transmissão online a partir de [VIMEO](#)

Disponível de 22 maio 2020 • sex 22:00 até às 24:00 de 24 de maio 2020

DML / ACONTECEU

[Submissão de Teses]

Ana Maria da Silva Alves Sabino Domingues, *Instruções de leitura: Um estudo sobre convenções gráficas de apresentação da palavra escrita*. **BOLSA FCT PD/BD/105704/2014**. [Orientação de Manuel Portela e João Bicker]

Caio Di Palma de Souza Medeiros, *Resto Cantable em três movimentos: Memória poética e inscrição matéria em José Ángel Valente*. **BOLSA FCT PD/BD/52248/2013**. [Orientação de Osvaldo Manuel Silvestre e Ricardo Namora]

Sofia Madalena Gonçalves Escourido, *A página como possibilidade: Patrícia Portela, Joana Bértholo e Afonso Cruz*. [Orientação de Manuel Portela]

Bruno Daniel Ministro dos Santos, «*Todas as cópias são originais*»: *electrografia e copy art em Portugal*. **BOLSA FCT PD/BD/105707/2014**. [Orientação de Manuel Portela e Rui Torres]

NB: Os procedimentos para a submissão estão em https://www.uc.pt/academicos/doutoramentos/phd_estudante. Aconselha-se ter sempre à mão o título, resumo, palavras-chave, áreas de conhecimento e nomes dos orientadores, em português e em inglês. [síntese de Ana Sabino]

ATIVIDADES

[Sessões Online Arquivo LdoD]

As nossas sessões criativas online são encontros para a leitura e a apropriação dinâmica dos fragmentos do *Livro do Desassossego*, assim como para a criação colaborativa de edições virtuais temáticas e a escrita de novos textos poéticos, por meio da utilização do Arquivo LdoD. Os encontros são abertos a público diverso: leitores assíduos, fãs de Fernando Pessoa, a comunidade acadêmica (com a participação de estudantes e professores), artistas dos mais diversos tipos, escritores e curiosos. Acompanhe a nossa agenda de sessões e venha tomar um copinho online conosco e recriar o Livro! PS: As sessões criativas fazem parte do projeto *Fragmentos em Prática*. Para mais informações acesse a nossa página no Facebook.

[CLP] Videoconferência: Figurações da sexualidade feminina na literatura caboverdiana (1947 – 2006)

22 de maio de 2020.

Organização: Centro de Literatura Portuguesa
Professora Doutora Audrey Castañón de Mattos: Doutora em Estudos literários (Teorias e

PRODUÇÃO

[Nuno Meireles]

“Gil Vicente as the most famous of all the unknown early modern playwrights and his online performative works.” In **Early Modern Quonference** A ‘Tweetference’ for historians during the 2020 coronavirus quarantine. 15th May and 26th June.

[Disponibilizado em linha: José Augusto Cardoso Bernardes] O pano de boca e a liberdade do encenador

A *Barca da Glória* é um texto algo escondido no repertório vicentino. Por ter sido escrito em castelhano e por fazer parte de uma série em que figuram outras duas peças: *Inferno* (1517?) e *Purgatório* (1518). Dir-se-ia que o conhecimento destes dois outros autos escritos em português quase dispensa o conhecimento

de *Glória*, a peça, que, na Páscoa de 1519, põe fim ao ciclo das *Barcas*.

Porém, não adianta escondê-lo, este descaso deve-se ainda a outro motivo: para muitos, o auto termina de forma *decepcionante*. Depois de nas *Barcas* anteriores se terem julgado sobretudo as classes baixas e médias, tinha chegado a vez de julgar os grandes do mundo. Os pecados são graves e lembrados com clareza. Mas existe uma diferença importante: ao contrário do que tinha antes sucedido, as personagens arrependem-se dos erros cometidos e imploram por misericórdia. A lógica doutrinal, porém, era clara: nada podia fazer-se depois da morte para evitar a perdição dos pecadores: nem orações tardias nem trocas venais.

Fundado nesta mesma lógica, o encenador italiano Giorgio Barberio Corsetti, que pela primeira vez chegava a Gil Vicente, não aceitava a didascália que indica o gesto redentor do Cristo pascal. Como compreender que a Alcoviteira ou o Sapateiro da *Barca do Inferno* tivessem sido condenados por “tão pouco” quando os poderosos se tinham salvado? (...)

[Disponibilizado em linha: António Sousa Ribeiro] O apocalipse do sentido

Era uma vez um rei que tinha três filhas. A história tem, na aparência, a simplicidade de um conto popular, no seu recurso a um fundo narrativo arcaico, muito distante no tempo ou, melhor, situado nesse fora do tempo que é o tempo do “era uma vez”. Por isso, qualquer adaptação contemporânea visando uma “atualização” tem de ficar sempre aquém - é a partir do seu tempo próprio que o texto interpela o contemporâneo, a partir de um tempo de desmesura em que a progressão do drama vai abrindo sucessivos abismos em qualquer aparência de normalidade e em que o corpo místico, o corpo político do rei não tarda a ceder o passo ao seu outro corpo, humano, demasiado humano, até ao ponto em que, na sua identidade esfarrapada, toda a distinção entre o rei e o bobo parece desaparecida. (...)

[Disponibilizado em linha: Fernando Matos Oliveira] Instrumentos do demónio

A Sessão Especial que se anunciava para o dia 19 de novembro de 2016, ao juntar em três partes *Os Últimos Dias da Humanidade*, obra de espírito agonístico e exercício radical de com-

posição dramática, da autoria de Karl Kraus, prometia um espetáculo extralongo: “I. Esta Grande Época” (dur. aprox. 2:00, com intervalo); “II. Guerra é Guerra” (dur. aprox. 2:20, com intervalo); “III. A Última Noite” (dur. aprox. 2:20, com intervalo). Tratava-se de uma proposta de engenho e ousadia, vinda de um Teatro Nacional que, no próprio contexto da austeridade orçamental então vigente, interpretava do modo mais amplo a sua missão fundamental, reunindo meios extraordinários, o melhor da sua equipa residente e um conjunto vasto de intérpretes, seguramente desafiados pela própria audácia contida na proposta. A encenação de Nuno Carinhas e Nuno M Cardoso operava sobre um trabalho textual que incluía ainda João Luís Pereira e Pedro Sobrado, um verdadeiro comité dramático, dotado de experiências cruzadas com a palavra, a encenação e a edição, na verdade eixos de ação e resistência que fizeram parte do próprio percurso de Karl Kraus, na sua demanda intelectual, política e assumidamente publicista. (...)

CFP

Materialidade e processos criativos no cinema português

29 e 30 de outubro de 2020

Conferência Internacional Online

Conferência internacional que tem como objetivo (re)pensar o cinema português à luz da materiality turn, para investigar as práticas e as tecnologias e para historiar os resultados.

Chamada aberta até 30 de Junho de 2020.

Organização: Instituto de História Contemporânea – NOVA FCSH

Dipartimento di Storia, Archeologia, Geografia, Arte e Spettacolo – Università degli Studi di Firenze

PRÓXIMO NÚMERO MATLITAGENDA

Até **29 de junho de 2020**, um parágrafo (no máximo) por item [eventos/iniciativas em que estejam/tenham estado envolvidos no passado/corrente mês + sugestões do que ver/ouvir/ler + calls for papers/arts recente]

AS MINHAS MATERIALIDADES

[Joana Fonseca]

Da mesma forma que a vigilância a que estamos sujeitos pretende tornar-nos previsíveis, também eu achava que o consumo de distopia, da especulação acerca de um apocalipse tecno-eminente, daquela que se tem produzido fartamente, prepararia o leitor/espetador, ou seja, a mim, para qualquer tipo de tecno-crise. Frustrante é perceber que não. Senti-me profundamente defraudada por um apocalipse tão distante daquilo que se tem insistido especular. E era, afinal, a minha distopia pessoal, o terror da hipocondríaca: a do decay biológico e da impossibilidade de tudo. Nem o Black Mirror tem um episódio assim! Não é hábito da ficção especulativa demorar-se muito na pandemia, nem existir sem agência.

Assim mexeu o apocalipse da impossibilidade com as minhas expectativas e materialidades escritas. A minha atenção centrou-se naquele mapa online, em tempo real, que começou com um pontinho vermelho em Wuhan. Sigo ainda os gráficos e as tabelas que revelam diariamente os números da pandemia, sigo os comunicados do governo, sigo as orientações, sigo uma mão cheia de vocabulário novo ou recodificado para esta realidade nova, e sigo a temperatura que me indica o termómetro de quando em vez, quando sigo a paranóia.

De tanto seguir, vejo uma vigilância que se desvela despididamente, em todos os campos, do estatal ao policial, da paralela, de vizinho para vizinho, à auto-vigilância a que nos sujeitamos, para que esteja e fique tudo bem. Não nos escape que esta vigilância, que agora se justifica com a segurança e saúde de todos, é a mesma que se intensificou depois do 11 de setembro de 2001, quando o combate ao terrorismo a justificou também e que, desde então, não refreou. Vejo, entre as fake news e os memes da telescola, uma pandemia tecnologicamente mediada que revela, por um lado, as vantagens da tecnologia, por outro uma tecno-distopia iminente à qual se fará frente via literacia digital.

[Pedro Sá Valentim]

Fosses tu deus (dito à Luís Miguel Cintra) | Pedro Sá Valentim, 17 abr 2020 — Uma leitura do poema Fosses tu deus, de António Franco

Alexandre [António Franco Alexandre (2002).
Duende. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 9]

Fosses tu deus (dito à Luís Miguel Cintra)

Soube pela primeira vez deste poema semanas antes de ter chegado a ele e de o ter lido. Falou-me dele a belíssima Inês — a do nariz e pescoço heráldicos — numa noite já muito antiga do início deste século, à luz fria da escadaria de mármore da Sociedade Harmonia Ebo-rensense, e isto no mesmo parágrafo em que me dizia que estava tudo acabado entre nós.

Até aí, até ter dado com o livro a que pertence, o ter comprado e finalmente lido e relido e tornado também meu, durante semanas este poema foi apenas um título iluminado a uma luz negra — *Fosses tu deus* — mas cuja fosforescência sinistra prenunciava já aquilo que haveria de vir a ser: uma das faixas fetiche do álbum desta rejeição amorosa.

No entanto, para lá desta anedota, que revela como este poema se confunde com a história da minha *via crucis* amorosa, há ainda outra excentricidade que logo desde o início manipulou a minha leitura do mesmo.

É que de cada vez que o lia, quer seja pelas palavras que escolhe, pelas imagens que invoca, pela solenidade litúrgica com que se anuncia e que faz com que se pareça a uma oração sempre ciente do caminho que faz até nós, e dentro de nós, eu comecei, à medida que o lia, a ouvi-lo dito na minha cabeça como sendo pela voz do actor Luís Miguel Cintra. E tudo isto misturado ainda com flashes da iconografia boschiana com que Anton Corbijn resolveu inventar o videoclipe *Walking In My Shoes*, dos Depeche Mode (e que entretanto expandiu na direcção artística do fresco sobre o martírio amoroso que é o álbum *Songs Of Faith And Devotion*, e depois já em escala épica na mítica *Devotional Tour* que se lhe seguiu).

António Franco Alexandre, Luís Miguel Cintra, O Evangelho Segundo São Mateus, Depeche Mode, Hieronymus Bosch e Anton Corbijn, é desta confusão que acabou por ser feita — e ainda é — a minha experiência deste poema. É-me inevitável revivê-la de cada vez que atravesso de novo este texto. E é-me quase impossível lê-lo sem que nesse momento a voz do meu pensamento soe à do Luís Miguel Cintra.

Mais precisamente à inflexão da voz de Luís Miguel Cintra em certas passagens do filme/peça *A Morte do Príncipe*, em que encena e interpreta o texto lúgubre de Pessoa (texto

encenado por Cintra a partir de quatro fragmentos da obra dramática de Fernando Pessoa: *Diálogos no Jardim do Palácio*, *Salomé*, *Sakyamuni* e *A Morte do Príncipe*, e realizado por Maria de Medeiros, que partilha com ele o ecrã/palco) ou à gravidade da sua declamação da carta de Hyperion a Diotima, de Hölderlin, voz hipnótica ouvida em off enquanto a câmara nos conduz o olhar através do último voo dos flamingos antes de se extinguirem de encontro ao ecrã negro final, ecrã negro que é onde a carta (e a voz) termina, e isto instantes depois de nos termos perdido num paraíso feito da luz de mil sóis, no vislumbre idílico do imenso campo de girassóis em que os dois amantes foragidos sonham (& fundam) uma vida nova, naquela que é a sequência final (um dos fins mais gloriosos da história do cinema) d'*O Último Mergulho*, de João César Monteiro. E, tanto num caso como noutro, é a voz sonâmbula de Luís Miguel Cintra que agudiza a humanidade de tudo isto. A perda, o fracasso, o lamento de tudo isto. A perplexidade com tudo isto. Uma voz que é de uma vulnerabilidade heroica e magnânima. Uma voz que sentimos que se escuta a ela mesma, que se ausculta, como se se pensasse a si mesma, como se, tal e qual uma oração sempre ciente do caminho que faz até nós, e dentro de nós, caminhasse por dentro e para dentro de si mesma. Que ecoa.

Por isso, numa destas noites deste primeiro de todos os confinamentos do resto das nossas vidas, e de mais um regresso assombrado a este poema, decidi caçar de vez este fantasma. Peguei no telemóvel, disparei o microfone e li este *Fosses tu deus*, seria eu santo o mais colado que pude à voz que desde o início me disse este poema dentro da minha cabeça.

NOTA: A 'versão oficial' é justamente a original, a que saiu ao primeiro take. Seguiu-se-lhe ainda uma série de outras tomadas cujas variações (apesar da evidente ameaça da caricatura) revelam sobretudo o potencial estético (quase plástico) desta voz em cada uma dessas digressões, bem como a inevitável reconfiguração semântica que desencadeiam.

Aqui estão três desses 'takes alternativos', mais os respectivos desvios:

[Fosses tu deus \[Ed Alt 1\]](#)

[Fosses tu deus \[Ed Alt 2\]](#)

[Fosses tu deus \[Ed Alt 3\]](#)

[Ana Albuquerque e Aguilar]

As minhas materialidades, ou como uma pandemia se pode refletir numa tese de doutoramento em Materialidades da Literatura

Quando o editor desta AGENDA me pediu que escrevesse sobre “as minhas materialidades”, entendi que não poderia fazê-lo sem deixar um registo do tempo e do contexto que vivemos. Deste modo, vou focar-me na forma como as medidas aplicadas no controlo da Covid-19 tiveram, e estão a ter, repercussões diretas na minha tese e no meu trabalho de investigação.

No âmbito da componente prática do meu projeto, tenho trabalhado diretamente com estudantes e professores, em diversas escolas do país. Do mesmo modo, tenho desenvolvido e dinamizado cursos de formação docente sobre literatura digital, frequentados por educadores e professores de todos os níveis de ensino. Tanto nas conversas informais, como nas respostas aos inquéritos aplicados no desenvolvimento da componente empírica do meu trabalho, há três ideias que atravessam o discurso dos docentes, independentemente do contexto geográfico, social, económico ou cultural das suas escolas: i) a relevância e o interesse pedagógico no ensino e na aprendizagem desta literatura, mas, simultaneamente, ii) a lacuna que sentem ao nível das competências digitais e da literacia digital, aliada iii) à falta de condições técnicas e tecnológicas nas escolas. Estes dois últimos aspetos são tidos como os maiores obstáculos à integração plena da literatura digital nas suas práticas letivas. Significa isto que, ao longo de três anos e meio de investigação, a realidade educativa sobre a qual refleti era marcada pelo paradoxo que a OCDE condensou numa frase: “technology is everywhere, except at schools”¹.

Ora, no passado dia 12 de março, ainda antes de ser decretado o estado de emergência em Portugal, foi anunciado que as escolas seriam obrigadas a encerrar. De um momento para o outro, o digital passou a assumir uma centralidade inaudita no sistema educativo português. As implicações desta súbita alteração de paradigma, que não permitiu uma apropriação ponderada e crítica do digital por parte da comunidade educativa, têm, naturalmente, impacto nas reflexões e nas propostas que faço na minha tese. Em muito pouco tempo, um estudo sobre o contributo que a literatura eletrónica pode trazer à educação literária numa escola onde o digital não existe é obrigado a movimentar o olhar teórico e episte-

¹ [OCDE (2012). *Connected minds: technology and today's learners*. Educational Research and Innovation, OECD Publishing, p. 79.].

mológico, saindo da margem, e pensar também o contributo que a literatura eletrónica pode trazer à educação literária numa escola grandemente sustentada pelo digital. Vemos o próprio conceito de escola a alterar-se perante os nossos olhos, não havendo sequer certezas sobre o seu futuro em regime totalmente presencial². Assim, também a componente empírica que desenvolvo no terreno foi interrompida, justamente, pelo encerramento das escolas, estando a ser em parte repensada para um regime de E@D, numa tentativa de apresentar propostas que venham enriquecer e expandir a leitura literária proporcionada através deste modelo de ensino, aproveitando o meio em que é maioritariamente feito.

No entanto, esta pandemia não se tem refletido apenas no conteúdo e na forma da minha tese, mas também no meu próprio contexto de investigação e de escrita. Além da dispersão emocional que a humanidade coletivamente experiencia, e que, naturalmente, também tem afetado a minha concentração, estou, à semelhança de vários membros da comunidade MatLit, confinada há quase três meses (mais precisamente, há 84 dias, na data em que escrevo este texto) com uma criança dependente de mim, incluindo no que respeita ao acompanhamento e ao apoio escolar. Este relato não seria preciso nem estaria completo se eu obliterasse ou minorizasse este facto e o impacto que tem na minha capacidade de organização e de trabalho.

Por fim, gostaria de referir que, do conjunto de teses em Materialidades da Literatura atualmente em curso, haverá certamente outras a sofrer alterações em relação ao inicialmente proposto, à conta de uma entidade microscópica que nos obrigou a encontrar outras formas de organização enquanto sociedade e que, de algum modo, vem tornar concretas algumas hipóteses que já avançávamos. Isto não deixa de ser revelador da pertinência das questões que, enquanto comunidade académica, temos problematizado e discutido, o que torna ainda mais estimulante estar neste programa de doutoramento.

(26 de maio de 2020)

² Muito haveria a dizer, por exemplo, sobre as consequências da deslocação do espaço da escolarização, sobretudo para quem a escola é muito mais do que um espaço de formação, mas o único local onde se tem acesso a livros, à leitura, a um computador ou à internet, ou, mais profundamente, o sítio onde se toma a única refeição do dia, o porto de abrigo de uma situação abusiva em casa, o elevador social possível. Contudo, assegurei ao editor que não me alongaria no meu texto. Terminei este excuro dizendo apenas que, apesar de todas as suas imperfeições e falhas, a escola desempenha uma função social fundamental e que, na sua falta, quem já estava numa posição de fragilidade vê-a acentuar-se.

[Thales Estefani — com NM]



A Avó animou-se com as histórias. Capuchinho tinha aberto um mundo para lá do bicho mau, da preocupação e das paredes da casa da Avó.

Capuchinho estava contente por dormir na casa da avó...

